

## O ethos da seleção feminina e masculina de futebol no portal de notícias Globo Esporte<sup>1</sup>

Ygor Teodoro RODRIGUES<sup>2</sup>

Lucas Daniel Vieira da Silva<sup>3</sup>

Marcelo Marques ARAUJO<sup>4</sup>

Universidade Federal de Uberlândia, MG

### RESUMO

O artigo fez parte de uma iniciação científica, que tem como objetivo mostrar como foi o ethos da seleção feminina e masculina de futebol nas Olimpíadas em 2016 do Rio de Janeiro. Além disso, a fundamentação teórica e os principais autores foram: jornalismo especializado (ABIAHY, 2005), jornalismo esportivo (BARBEIRO, 2013) (ZUCULOTTO, 2015), gênero, (GIDDENS, 1991), o feminino (BEAUVOIR, 1949) e masculino (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005) e (SILVA, 2014).

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Jornalismo Especializado; Jornalismo Esportivo; Gênero; Ethos.

### 1 Introdução

Relacionar Brasil e esporte é automaticamente falar de futebol. É considerável que o esporte é o mais popular do país, isso sendo justificado por questões históricas e culturais. Fatos como: o único país a participar de todas as copas do mundo, único pentacampeão, que tem Pelé - um dos maiores ídolos do futebol mundial, ajuda na popularização, isso tudo, em grande parte, através da mídia.

Mas estamos falando de futebol ou de futebol masculino? Os fatos citados acima são quase senso comum ao se falar do esporte, porém, informações sobre o futebol feminino não seria igualmente considerado por muitos. É possível afirmar, que o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Estudante do sétimo período de Comunicação Social da UFU, email: [ytrdrigues@hotmail.com](mailto:ytrdrigues@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante do quinto período de Jornalismo da UFU, email: [lucasdvsilva@gmail.com](mailto:lucasdvsilva@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFU, email: [mmaraujo@faced.ufu.br](mailto:mmaraujo@faced.ufu.br)

---

jornalismo esportivo privilegia o futebol masculino, em comparação ao feminino, com exposição maior apenas em épocas de Copa do Mundo e Olimpíadas.

Para justificar a não cobertura midiática de eventos do futebol feminino é usado o argumento de “não há interesse do público”. Entretanto, como não há interesse por algo que o público nem sabe que existe? Afinal, as competições não são exibidas? Que nem sabe sobre as competições? Renata Medonça (2017) sobre isso, no portal Dibradoras<sup>5</sup> faz o seguinte questionamento:

será que se em vez da cobertura diária de redes sociais de jogadores, pudéssemos ver uma entrevista com uma jogadora aqui, uma cobertura da competição feminina lá, uma reportagem sobre as modalidades delas acolá, não poderíamos despertar mais interesse e, conseqüentemente, atrair mais investimentos para o esporte feminino? (MEDONÇA, 2017)

A partir dessa invisibilidade do esporte feminino, mais precisamente do futebol feminino, que foi desenvolvido a pesquisa e conseqüentemente esse artigo, no qual se têm como objetivo analisar a representação do futebol feminino e masculino durante as Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016. Isso com base nos seguintes questionamentos: a visibilidade e espaço reservado na mídia, para cada seleção são os mesmos? Qual o ethos das duas seleções? Existe uma cultura midiática já predominante do futebol masculino, negando assim o feminino?

A pesquisa buscou monitorar o portal de notícia do Globo Esporte, durante a primeira fase da competição, a de grupo, que ocorreu entre primeiro de agosto até o dia 12 do mesmo mês. O corpus escolhido foram em quatro textos, independente do gênero jornalístico, sendo dois antes da estréia de cada seleção e dois após a primeira vitória de cada uma. Usando o ethos (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006), através de uma análise analítica e descritiva do corpus..

O ethos discursivo diz respeito à imagem que o sujeito enunciador cria de si mesmo. A Retórica forma-se por meio de três pilares: ethos, pathos e logos. Interessa-nos especialmente o ethos. De acordo com Amossy (2005), o ethos consiste na credibilidade, na imagem do orador/enunciador. Seja qual for a fonte de sua credibilidade – intelecto, estado social ou cultural - tais qualidades podem levar um

---

<sup>5</sup> <http://dibradoras.com.br/a-invisibilidade-das-mulheres-no-esporte/>

auditório a acreditar em uma “verdade”.

A formação de um ethos está ligada a questões de identidade. Seja este ethos coletivo ou individual, ele encontra-se em um jogo de representações que se dá entre as partes envolvidas no processo de trocas comunicativas e de constituição das respectivas identidades.

Charaudeau e Maingueneau afirmam que o termo ethos está diretamente relacionado com a cena de enunciação e reiteram que:

cada gênero do discurso comporta uma distribuição pre estabelecida de papéis que determina em parte a imagem de si do locutor. Esse pode, entretanto, escolher mais ou menos livremente sua ‘cenografia’ ou cenário familiar que lhe dita sua postura (o pai benevolente em face dos seus filhos, o homem que fala rude ou franco). A imagem discursiva de si é, assim, ancorada em estereótipos, um arsenal de representações de si e sua eficácia em uma determinada cultura. O ethos discursivo mantém relação estreita com a imagem prévia do que o auditório pode ter do orador ou, pelo menos, com a idéia que esse faz do modo como seus alocutários os percebem. A representação da pessoa do locutor anterior a sua tomada de turno – às vezes denominada ethos prévio ou pré-discursivo – está frequentemente no fundamento da imagem que ele constrói em seu discurso: com efeito ele tenta consolidá-la, ratificá-la, retrabalhá-la ou atenuá-la” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p.221)

## **2 Democratização na escolha do público: o Jornalismo Especializado**

Vivemos cada vez mais um período de grandes mudanças nos mais diferentes ramos, na profissão do jornalismo não é diferente. O profissional da comunicação precisa, cada vez mais, se atentar a isso, passando a produzir conteúdo o tempo todo para públicos específicos. No entanto, para escrever matérias para certas temáticas é necessário possuir conhecimento prévio sobre determinados assuntos, para que não seja cometido nenhum equívoco. Em meio a esta nova sociedade denominada “sociedade da informação”, na qual a disseminação de informações gera debates acerca da produção

---

especializada.

Partindo de contestações, é possível afirmar que a revista torna-se cada vez mais objeto de observação da especialização jornalística, visto que a mesma apresenta inúmeras temáticas plausíveis neste tipo de jornalismo. A partir da problemática que surge acerca da globalização eis que surge dados interessantes, segundo Ortiz (1996: p.148-9): “este processo de segmentação do mercado, inclusive na área informacional é compreensível sob a lógica dos conglomerados empresariais”. Sendo assim, os indivíduos deixam de ser massa para se tornarem consumidores, “um jogo que substitui a massificação pela personalização” (ABIAHY, 2005, p. 2).

Atualmente ocorrem inúmeros questionamentos acerca da real função do jornalista, antes denominada como o de levar informação de assuntos relevantes para a sociedade, porém, esta concepção vem se modificando um pouco, passando para o sentido de informar aquilo que os indivíduos como um todo precisam saber. Entretanto, em meio a maneira com que a sociedade caminha é difícil traçar um assunto que seja de grande interesse, de forma geral, por parte dos mesmos.

Desta forma, nessa seleção por informação, o indivíduo busca áreas mais específicas dentro do jornalismo, dentro disso, temos o jornalismo especializado, que serve como:

um termômetro da gama de interesses das mais diversas áreas, [...] Mas por outro lado, podemos considerar que as produções segmentadas são uma resposta para determinados grupos que buscavam, anteriormente, uma linguagem e/ou uma temática apropriada ao seu interesse e/ou contexto. Esses grupos agora encontram publicações ou programas segmentados com os quais se identificam mais facilmente. Neste caso, o papel de coesão social no jornalismo especializado passa a cumprir a função de agregar indivíduos de acordo com suas afinidades ao invés de tentar nivelar a sociedade em torno de um padrão médio de interesses que jamais atenderia à especificidade de cada grupo [...] (ABIAHY, 2005, p. 5 – 6).

Tavares (2009) afirma que o jornalismo especializado pode ser segmentado em: variações temáticas – esportivo, econômico, cultural; por meios de comunicação –

radiofônico, televisivo, impresso, digital; e na junção de ambos – jornalismo radiofônico esportivo, jornalismo televisivo econômico, dentre outros.

### **3 Uma das segmentações do especializado: O Jornalismo esportivo**

Numa dessas especializações temos o jornalismo esportivo. Para Zuccolotto (2015, p. 20)

Ser um amante do esporte, um espectador das páginas e programas esportivos, muito antes de começar a fazê-los, aumenta a facilidade do jornalista em se relacionar com essa especialização, pois ajuda a entender desde cedo certos códigos desse mundo a parte que é o esporte, e, desta forma assegurar uma maior precisão das informações que serão publicadas.

O jornalismo esportivo, assim como outras áreas especializadas, precisa de estudo, isso se adquire através de pesquisa e conseqüentemente estudo, mas também assistindo aos eventos, como Olimpíadas e mundiais dos mais distintos esportes. A produção desse segmento demanda de uma equipe: produtor, cinegrafista, repórter. Esse último é o elemento primordial na cadeia da produção, pois é ele que estrutura a reportagem; as perguntas podem ter vindo prontas feitas pelo pauteiro, porém se tem a autonomia de mudança conforme o caminhar do jogo, da partida.

A preparação do profissional deve ser plena, para Barbeiro, “uma boa reportagem depende de boas perguntas feitas para pessoas certas no momento adequado. Se fizer bom uso desse instrumento, o repórter esportivo tem tudo para ser um bom profissional”. (2013, p.20). Desta forma,

(...) é essencial fugir daquelas perguntas eternamente repetidas para os atletas antes, durante ou depois das competições como: "o que você acha do jogo" ou "como você está vendo o jogo". Caso contrário, o repórter corre o risco de ouvir uma resposta como a que o técnico Osvaldo Brandão deu certa vez: "Com os olhos". (BARBEIRO, 2013, p.20)

---

## **4 Seleção Brasileira Feminina e Masculina nas Olimpíadas: levantamento histórico**

### **4.1 Seleção Feminina**

O futebol feminino começou a competir em Olimpíadas apenas no final do século passado – 1996 em Barcelona. A seleção brasileira conseguiu um quarto lugar, os Estados Unidos foi campeão. Em Sydney (2000) o Brasil repetiu sua colocação, Noruega levou o ouro.

Em Atenas (2004) e Pequim (2008) a seleção brasileira ficou, em ambas as competições, com o segundo lugar, perdendo também em ambas para a seleção norte-americana. Na competição seguinte – Londres (2012), os Estados Unidos conseguiram sua quarta medalha de ouro, o Brasil foi eliminado nas quartas de finais. No Rio de Janeiro (2016), a seleção brasileira ficou com o quarto lugar, Alemanha levou sua primeira medalha dourada.

### **4.2 Seleção Masculina**

A primeira participação do futebol brasileiro em Olimpíadas ocorreu no ano de 1952 em Helsinque. O Brasil na sua estreia foi eliminado nas quartas de finais, a campeã foi a Hungria. Nos próximos quatro torneios a seleção foi eliminada na primeira fase (1960 – Roma, 1964 e 1968 – Tóquio, 1972 – Munique), nesses anos a seleção húngara (1964, 1968) se tornou tricampeã; Iugoslávia (1960) e Polônia (1972) tiveram um título cada uma.

No ano de 1976, em Montreal, foi a melhor participação até então da seleção – um quarto lugar; Alemanha Ocidental levou o ouro. Na competição seguinte (1980) o Brasil não se classificou, Checoslováquia foi campeã que teve Moscou como sede. Em Los Angeles (1984) e Seul (1988) a seleção brasileira conseguiu suas duas primeiras medalhas – duas pratas; França e Espanha levaram o ouro, respectivamente.

Como anfitriã, Espanha consegue o bicampeonato (1992 – Barcelona), Brasil não se classificou. Em Atlanta (1996) a seleção brasileira conseguiu medalha de bronze, os nigerianos foram os campeões. Na competição seguinte (2000) realizada em Sydney,

Camarões foi campeã, o Brasil foi eliminado nas quartas de finais. Atenas (2004) e Pequim (2008) a seleção argentina tornou bicampeã, já a brasileira não se classificou na primeira e levou medalha de bronze na segunda.

Em 2012 nos jogos de Londres, a seleção brasileira ficou mais uma vez com a medalha de prata, perdendo na final para o México. No Rio de Janeiro, o Brasil repetiu o feito da Espanha em 1992, ganhando em casa e conseguindo sua primeira medalha de ouro.

## **5. Gênero como construção social**

Enxerga-se gênero como construção social, ou seja, há uma socialização do gênero. Essa construção se dá pela família, igreja, escola, mídia, dentre outros. Isso é feito a partir de padrões predeterminados que são impostos pela sociedade na qual o indivíduo está inserido. Sendo que, seguir essas imposições cabe a cada um decidir, pois essa construção é relacionada com identificação.

Para o sociólogo Anthony Giddens (1991, p.107) [gênero] “diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. O gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade”. Teóricos como Michel Foucault e Judith Butler, afirmam que sexo e gênero não são sinônimos, pois o primeiro tem ligação com a fisiologia do indivíduo, o segundo é definido mais tarde e diverge da orientação sexual.

Com base nos estudos de Barchet (2010, p.16), para ele “conceber gênero como uma construção sociocultural é um sistema de representações que atribui diferentes significados (identidade, valor, status dentro da hierarquia social e prestígio) a indivíduos dentro de uma mesma sociedade.” Além disso, nesse sentido, Rodrigues (2012) afirma que:

[...] o gênero não é fruto da natureza, e sim, uma construção social e histórica que atribui papéis a homens e mulheres com base nas diferenças entre os sexos biológicos, redundando na naturalização das discriminações contra o gênero feminino, em virtude de serem tomadas como decorrência inevitável das diferenças entre os sexos. Em outras palavras, existem relações de poder entre homens e mulheres, nas quais elas são tidas como

---

inferiores, uma vez que seu gênero é construído a partir daquele que é dominante: o masculino. (RODRIGUES, 2012, p. 3).

Para Lavinias (1997 *apud* BARCHET, 2010, p. 16), “quando se refere a gênero, fala-se sobre o sexo social, ou seja, trata-se de uma das relações estruturantes que situa o indivíduo no mundo e determina, ao longo de sua vida, oportunidades, escolhas, trajetórias, vivências lugares e interesses”. Além disso, é considerada uma realidade palpável, onde pode ser explicado dentro de um contexto das batalhas em torno do poder e do gênero.

### 5.1 “Bela, recatada e do lar”

Quando se pensa em estudos do gênero feminino, conseqüentemente feminismo, logo se pensa em Simone Beauvoir e sua famosa frase acerca disso:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (BEAUVOIR, 1949, p. 6).

Assim como o gênero socialmente construído, o papel da mulher já é delimitado, sempre em volta do homem, como sombra da sua semelhança, não sendo reivindicada como sujeito. Isso lhe dá atributos de coadjuvante, sendo o homem como protagonista, acompanhando-o como sendo ramificações dele. Essas delimitações dos papéis sociais acontecem desde o nascimento, através da escolha de roupas pelos pais, suas cores, brinquedos, maneiras de se comportar, dentre outros.

Acredita-se que essas delimitações estão presentes desde os homens da caverna, com base nos registros históricos, onde a mulher já se sujeitava ao homem. Entretanto, durante o percurso histórico as mulheres foram construindo seu espaço, com o declínio do sistema feudal, este que tinha grandes raízes do sistema patriarcal, e a ascensão do sistema capitalista, que deu a possibilidade dos papéis de gêneros começarem a se modificar, mesmo que lentamente.

Essa mudança começou com a colocação da mulher no mercado de trabalho,



onde ela abandona - em parte, as obrigações matrimoniais e domésticas, e passa a também virar fruto da produção capitalista, mesmo que sendo apenas considerada como uma ajuda no trabalho do homem, exercendo assim dupla jornada.

A conservação de sistemas de valores originados em estruturas sociais anteriores permitira às sociedades de classe utilizar de modo diverso a força de trabalho feminina. Esta seria livre apenas na medida em que essa liberdade constituía condição *sine qua non* para a determinação da força de trabalho da mulher enquanto mercadoria. A negação de direitos civis e políticos à mulher limitava, portanto, a esfera de sua atuação, caracterizando a, desde o início do capitalismo, simultaneamente, como construtora da riqueza e obstrutora do progresso social. (SAFFIOTI, 2013, p. 108)

## 5.2 “Macho Viril”

De fato o sujeito mais prejudicado pelo patriarcado é o feminino, porém o outro lado também acaba tendo seus prejuízos, pois ao homem é cobrado uma postura de “macho viril”, que está ligado a força: física, simbólica e moral.

A exigência da virilidade é, portanto, resultado imbricante de uma cultura de tradições desigualitárias que, ao reprimir as mulheres no privado, também solicita a masculinidade aos homens e exige deles autodomínio, firmeza e resistência enquanto forma de inserção social (SILVA, 2014, p. 17)

Esse desdobramento de força mostra que o sujeito masculino não basta se apresentar como homem, é preciso ser “macho”. Essa cobrança acaba vindo da sociedade de forma geral, mas também de si mesmo, fazendo assim o homem se distanciar ao máximo das “características” associadas ao universo feminino - fragilidade, sensibilidade; porque só assim ele poderá ser considerado “homem de verdade”.

Outro ponto que se coloca em debate na sociedade atual é discutido pela socióloga australiana Raewyn Connell, sobre masculinidade hegemônica:

O termo 'hegemonia', emprestado de Antonio Gramsci, não designa a masculinidade da maioria dos homens, e sim aquela soberana na sociedade. Diferencia-se da noção de dominação por não fazer uso, necessariamente, da força bruta. Uma hegemonia de fato efetiva depende de certo consenso ou participação dos grupos subalternos (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2005)

Essa masculinidade está associada a dominação, inferiorizando o sujeito diferente dele, principalmente em relação às mulheres, mas também a outros homens que não se encaixam nesses grupo. Segundo Helena Vieira (2015) esse homem hegemônico é aquele que além de ser “macho viril”, também é considerado normativo, visto como um exemplo do que é ser “homem” - alto, forte, hétero. Sujeito este que está atrelado desde a infância ao discurso: “seja homem”, “tem que bater, os homens resolvem as coisas batendo”, “se você apanhar na escola, quando chegar em casa apanha de novo”.

## 6 Análise

A amostra do trabalho foi construída a partir de publicações do portal de notícias Esporte Espetacular, no intervalo de 1º de Agosto até o décimo segundo dia do mês. Foram selecionadas matérias, independente do gênero jornalístico, sobre a seleção feminina e masculina brasileira de futebol.

Para a análise foram separados dois textos sobre a seleção feminina e dois sobre a masculina, sendo um antes da estréia, de cada um nas olimpíadas, e o outro após o primeiro jogo de vitória.

### 6.1 Seleção Feminina

<b>Sequência discursiva para análise</b>	<b>Ethos</b>
--	--------------

<p><b>01 de Agosto - Marta recebe homenagem da CBF e se emociona: "Fui pega de surpresa"<sup>6</sup></b></p>	<p>A seleção feminina fez seu jogo de estreia no dia 03 de Agosto contra a China. A última publicação antes do jogo ocorreu no dia primeiro, na qual foi postado uma nota sobre uma homenagem recebida pela jogadora Marta.</p>
<p><i>“É essa emoção que mantém a gente motivada. Demonstra que o que a gente faz e sempre procura passar para as pessoas é sinônimo de exemplo e eu não esperava pela homenagem”</i></p>	<p>O portal optou em colocar essa frase da jogadora, onde se tem o ethos de exemplo, pois Marta faz parte de uma conjunto de jogadoras obstinadas, que sem qualquer suporte, nem um campeonato nacional com visibilidade, insistem em jogar futebol, mesmo com salários baixos.</p>
<p><b>04 de Agosto - Despercebida, Marta vai ao salão de beleza da Vila e relaxa após estreia<sup>7</sup></b></p>	<p>Após a vitória por 3x0 contra a China, o Globo Esporte optou por fazer uma reportagem com Marta, que relacionou futebol a questões consideradas do universo feminino.</p>
<p><i>“Craque da seleção aproveita folga para cuidar dos cabelo. Aos 30 anos, jogadora diz que se sente mais bonita porque soube aproveitar tudo o que aprendeu na Europa”</i></p> <p><i>“A falta de tempo é o principal obstáculo.</i></p>	<p>O ethos de Marta é relacionado a vaidade, no qual, mais uma vez, o portal caiu no clichê de identificar o feminino com a beleza.</p>

6

Disponível

em:

<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/2016/08/marta-recebe-homenagem-da-cbf-e-se-emociona-fui-peg-a-de-surpresa.html>. Acesso em: 22/04/2017.

<sup>7</sup> Disponível em:

<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/2016/08/depois-de-duas-pratas-marta-esta-confiante-ante-querer-sentir-sabor-do-ouro.html>. Acesso em 22/04/2017.

<p><i>Marta gostaria de se cuidar melhor, tratar os cabelos sempre no salão, poder fazer as unhas semanalmente”</i></p>	
<p><i>“Mesmo mostrando muita tranquilidade, Marta está totalmente confiante. E não aceita qualquer pressão. Já sofreu, chorou, perdeu, venceu e se emocionou tantas vezes que aprendeu a controlar os sentimentos”</i></p> <p><i>“Afinal, após quatro Olimpíadas, e cinco vezes eleita a melhor jogadora do mundo, Marta sabe que ganhar o ouro em casa será consequência de muito trabalho e dedicação, e não uma obra do acaso”</i></p>	<p>Superação e dedicação são os ethos dessas sequências discursivas, que mostram, apesar da não conquista do ouro inédito pro futebol feminino, Marta permanece firme e determinada a conquista do lugar mais alto do podium.</p>

## 6.2 Seleção Masculina

Sequência discursiva para análise	Ethos
<p><b>01 de Agosto - Neymar e mais quatro são poupados em treino da seleção olímpica<sup>8</sup></b></p>	<p>A matéria é uma nota dois dias anterior da estréia da seleção masculina nas Olimpíadas contra A África do Sul.</p>
<p><i>“Além do capitão, Marquinhos, Gabriel Jesus, Douglas Santos e Thiago Maia fazem apenas trabalho regenerativo em Brasília, na primeira atividade com uniforme olímpico”</i></p>	<p>O ethos é de coletividade, no qual portal optou por falar da seleção como um todo.</p>

8:

Disponível

em:

<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/2016/08/neymar-e-mais-quatro-sao-poupados-e-m-treino-da-selecao-olimpica.html>. Acesso em: 22/04/2017.

<p><b>11 de Agosto - Seleção olímpica chega a São Paulo com Neymar mancando bastante</b></p>	<p>Dos três jogos da primeira fase, a seleção masculina apenas venceu o último, empatando nos outros dois. O jogo ocorreu na noite do dia anterior, no dia seguinte a primeira publicação no Globo Esporte teve como enfoque o acidente ocorrido com Neymar.</p>
<p><i>“A chegada da seleção olímpica a São Paulo, na noite desta quinta-feira, teve uma cena preocupante: principal jogador da equipe, Neymar desceu do ônibus mancando bastante, com dificuldade para caminhar e utilizando um aparelho portátil de choque na perna direita, para auxiliá-lo no tratamento. Ele foi o único a parar para atender os poucos torcedores presentes no hotel em Guarulhos, onde a delegação brasileira vai se hospedar”</i></p>	<p>O ethos do jogador é de líder carismático, pois apesar da dificuldade em andar, o jogador foi o único a atender os torcedores.</p>
<p><i>“Mesmo sem fazer gol, Neymar foi um dos destaques na goleada por 4 a 0 sobre a Dinamarca, em Salvador, que selou a classificação brasileira para as quartas de final”</i></p>	<p>Apesar do enfoque principal da matéria era o acidente ocorrido com Neymar, foi citado também a participação do jogador no jogo, que mostra que mesmo torcendo o tornozelo ele foi um dos destaques da partida.</p>

## 7 Considerações Finais

É nítido que a seleção masculina de futebol têm mais visibilidade midiática do que a feminina. Primeiramente a cobertura da masculina anteriormente a sua estréia foi mais intensa, sendo quatro publicações, e a feminina apenas uma.

Das análises feitas, de fato a reportagem após vitória da seleção feminina foi a

mais aprofundada, porém, trouxe um viés que rompe ao objeto futebol, por se tratar de um veículo especializado no jornalismo esportivo, o Globo Esporte tratou sobre beleza e vaidade na matéria, mostrando que a mulher ainda é relacionada esses pontos, afirmando assim, o que já foi colocado acima, que a mulher é ramificação do homem, o que se confirma também quando se trata de futebol.

Em ambas as seleções se coloca um personagem principal, Marta e Neymar. Porém, quando se trata da masculina é citado o nome de outros jogadores. Isso mostra a relação mais próxima do jornalismo especializado, mas precisamente o esportivo, com o futebol masculino, que se tem uma familiaridade além de épocas de Olimpíadas e Copa do Mundo.

### Referências Bibliográficas

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Paraíba, 2000. Trabalho acadêmico (Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal da Paraíba. Documento eletrônico disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiah-y-ana-jornalismo-especializado.pdf>. Acesso em: 02/10/2015

AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso** - a construção do ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz et alii. São Paulo: Contexto, 2005.

BARBEIRO, Heródoto. **Manual do Jornalismo esportivo** / Heródoto Barbeiro, Patrícia Rangel, – 2 ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.

---

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2006.

FRANÇA, L. H. **Alemanha 7 x 1 Brasil**: O ethos jornalístico esportivo na tv contrapondo o ethos da seleção brasileira. 2015. 85 p. Monografia (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

MEDONÇA, Renata. **A invisibilidade das mulheres no esporte**. Dibradoras, 2017. Disponível em: <http://dibradoras.com.br/a-invisibilidade-das-mulheres-no-esporte/>. Acesso em: 22/04/2017

STROM, Par. **O gênero como construção social**. Disponível em: <http://omarxismocultural.blogspot.com.br/2012/07/o-genero-como-construcao-social.html>. Acesso em 22/04/2017.

TAVARES, Núbia. Ana Zimmermann: pioneira no futebol da Globo. 2005. Disponível em: <<http://www.papodebola.com.br/papoespecial/20050727.htm>>. Acesso em: 16 set. 2015

ZUCCOLOTTO, Gabriel Menezes. **O LEGADO DEIXADO POR HELENO DE FREITAS - A REPRESENTAÇÃO DO JOGADOR NO JORNALISMO ESPORTIVO E NA CULTURA POPULAR DO ESPORTE**. 2015. 68f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

LOVISOLO, H. **Atividade física, educação e saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.